

## STELLA MARIS

Black River Falls, Wisconsin



*Data de fundação: 1902*

A partir de 1950, passou a funcionar como uma clínica e hospício de cariz laico destinado a doentes do foro psiquiátrico.

Unidade de Internamento      27 de outubro de 1972  
Caso 72-118

A doente é uma mulher de vinte anos, judia, caucasiana. Bonita, possivelmente anorética. Chegou à clínica há seis dias, ao que tudo indica de autocarro, sem bagagem. Declaração de internamento assinada pelo Dr. Wegner. A doente trazia na bolsa um saco de plástico cheio de notas de cem dólares – uma quantia superior a quarenta mil dólares –, que fez menção de entregar à rececionista. É estudante de doutoramento em matemática na Universidade de Chicago e foi-lhe diagnosticado um quadro de esquizofrenia paranoide, com uma longa etiologia de alucinações visuais e auditivas. Esteve internada nesta clínica em duas ocasiões anteriores.

# I

Viva. Eu sou o Dr. Cohen.  
Você não é o Dr. Cohen que eu esperava.  
Lamento. Refere-se ao Dr. Robert Cohen.  
Sim. Calculo que não haja falta de Dr. Cohens.  
Provavelmente não. Como vai? Sente-se bem?  
Sinto-me bem.  
Sim.  
Estou no manicómio.  
Bem. À parte isso, parece-me.  
Há quanto tempo é que faz isto?  
Há cerca de catorze anos.  
Vai gravar esta conversa.  
Creio que foi esse o acordo. Há problema?  
Acho que não. Quando dei o meu consentimento, julguei que era outra pessoa.  
Quer dizer que há problema.  
Nada disso. Tudo bem. Embora eu deva dizer que só aceitei tagarelar. Não me vou submeter a terapia nenhuma.  
Certo. Há alguma coisa que me queira perguntar? Antes de começarmos.  
Já começámos. O quê, por exemplo?  
Talvez fosse melhor contar-me alguma coisa acerca de si própria.  
Ena, pá.  
Não?

Vamos pintar por números?

Perdão?

Deixe estar. É só que sou ingênua que chegue para imaginar sempre que, ao encetar estas incursões, é possível trilhar um rumo que as frases feitas não tornem totalmente implausível.

Qual é o problema? O meu tom de voz?

Deixe estar. Fazemos isto à sua maneira. Que se lixe.

Bem. Não quero começar da pior maneira. Pensei apenas que quisesse explicar-me um pouco as razões que a trouxeram até aqui.

Não tinha outro lugar para ir.

E porquê aqui.

Já cá tinha estado antes.

Porquê aqui da primeira vez, nesse caso.

Porque não consegui entrar em Coletta.

E porquê Coletta?

Foi lá que internaram Rosemary Kennedy. Depois de o pai ter mandado que lhe raspassem os miolos do crânio.

Tem alguma ligação à família?

Não. Nada sabia acerca de asilos psiquiátricos. Só me pareceu que, se eles desencantaram aquele hospício, é porque, provavelmente, era um lugar bastante bom. Acho que lhe rasparam os miolos do crânio noutra hospital, aliás.

Está a falar de uma lobotomia.

Sim.

Porque é que lhe fizeram isso?

Porque ela era esquisita, e o pai tinha medo de que alguém lhe fosse à cona. Ela não era bem o que o velhote tinha em mente.

Isso é verdade?

Sim. Infelizmente.

Porque é que achou que tinha de ir para qualquer lado?

Desta vez, é isso?

Sim. Desta vez.

Achei, pronto. Tinha saído de Itália. Onde o meu irmão estava em coma. Não paravam de me pedir autorização para desligarem as máquinas. Queriam que eu assinasse os papéis. Portanto, fugi. Não sabia o que mais fazer.

Tratou-se de uma decisão que não foi capaz de tomar? Desligar o suporte de vida dele?

Sim.

Ele está em morte cerebral?

Não quero falar do meu irmão.

Muito bem. Diga-me só porque é que ele está em coma.

Sofreu um acidente de carro. Era piloto de corridas. Não quero mesmo.

Muito bem. Há alguma coisa que me queira perguntar?

A respeito de quê?

Do que entender. A respeito de mim, se quiser. Posso tratar-te por Alicia?

Quer que eu lhe faça perguntas a seu respeito.

Se te apetecer. Sim.

Dá aulas na universidade.

Em Madison. Sim.

Eu sei onde fica a universidade. Veste-se bastante bem, para um académico.

Obrigado.

Não era um elogio. Você não é psicanalista.

Sou psiquiatra.

Não é licenciado em medicina.

Sou. Na verdade, sou.

E que mais.

Sou casado. Tenho dois filhos. A minha mulher gere um programa municipal para crianças. Tenho quarenta e três anos.

Que patifarias faz quando ninguém está a ver?

Nenhuma. E tu?

Fumo um ou outro cigarro. Não bebo nem consumo drogas. Nem tomo medicamentos. Não tem cigarros consigo, imagino.

Não. Podia trazer uns quantos.

Certo.

E que mais?

Tenho conversas clandestinas com personagens supostamente inexistentes. Já me disseram que gosto de dar a entender que quero coiso e tal e depois me corto, mas não creio que seja verdade. As

peças parecem achar-me interessante, mas, em grande medida, desisti de falar com elas. Falo com os meus companheiros chalupas.

Não conversas com outros matemáticos?

Já não. Bem. Com alguns.

E porquê?

É uma longa história.

Ainda te dedicas à matemática?

Não. Não àquilo que se chamaria matemática.

Que género de matemática estudavas tu?

A topologia. A teoria dos topos.

Mas agora já não.

Não. Fiquei transtornada.

E o que é que te transtornou?

A topologia. A teoria dos topos.

Talvez seja melhor pormos de parte a matemática, para já.

Não há problema. Fosse como fosse, eu não sabia bem o que andava a fazer.

Espanta-me que digas isso. Não podias pedir ajuda a algum dos outros matemáticos?

Não. Eles também não sabiam.

Tens a certeza de que não te importas que gravemos isto?

Tenho, claro. E se eu disser palavras, cona ou foda-se ou assim? Acho que até já disse, aliás. E agora outra vez.

Não sei. Acho que o acordo era que não terias direito a rever o texto.

Eu não estava a falar a sério.

Ah.

Não desgosto de Alicia. Sempre é melhor do que Henrietta.

Não estás a falar a sério, de novo.

Não.

Muito bem. Não me queres contar nada acerca do teu irmão?

Isto começa a parecer-se com o Programa Eliza. Não. Não quero. Contar. Nada.

O programa informático de psiquiatria.

Isso.

Muito bem. De que é que queres falar?

Não sei. Apetece-me armar-me em espertalhona, creio. Se quiser falar a sério comigo, teremos de cortar pelo menos uma parte da conversa da treta. Não lhe parece? Ou discorda de mim?

Concordo. Acho que tens toda a razão.

Como isso.

Isto é conversa da treta?

É claro que é conversa da treta. Alguma vez na vida você acha que eu tenho toda a razão?

Compreendo.

E, por favor, não diga compreendo.

Significa apenas que tento entender o teu ponto de vista. Há alguém com quem estejas em contacto?

Refere-se a pessoas de carne e osso?

De preferência. Sim.

Para ser sincera, não.

Nenhum matemático? Ninguém da universidade?

Julguei que não íamos falar de matemática.

Muito bem.

Ainda escrevo ao Grothendieck, mas ele saiu do IHES e não me responde. Mas não faz mal. Não conto com isso.

Ele é matemático?

Sim. Ou era.

Onde é que ele mora?

Não sei onde é que ele mora. Creio que ainda estará em França.

Não é um nome lá muito francês.

Não é um nome francês, de todo. O pai dele chamava-se Schapiro. Mais tarde, Tanaroff. É apátrida. Durante a guerra, em criança, andou fugido de terra em terra. Escondeu-se. Para não o matarem. O pai dele morreu em Auschwitz.

Para onde é que lhe mandas as cartas?

Para o IHES. Não sabe quem ele é, pois não?

Não.

Não faz mal. Éramos amigos. Somos amigos. Partilhamos um ceticismo comum.

A respeito de quê?

A respeito da matemática.